

Da diáspora¹: Pequenas (grandes) mortes, abandonos e o que fica ou notas sobre um Padecer.

Josiane Rodrigues Lima

RESUMO

A história negra brasileira é cheia de nuances e esquinas, nessas esquinas encontramos as mais diversas narrativas, os mais variados estereótipos, os mais tristes apagamentos e é claro, as ditas verdades que foram a nós ensinadas por anos através do discurso eurocêntrico que permeia tudo em nosso país, este discurso que vai além do que está posto como verdade, está escrito nos livros, encenado nas novelas, ele mora em corpos, muitas vezes periféricos. Neste ensaio, discorro de como as identidades são plantadas mesmo que o solo em que elas vivam insista em tentar enterra-las, silencia-las. Falo de caminhos possíveis, e outras tantas ruas e vielas que fazem parte dos caminhos históricos já percorridos pelos filhos da diáspora que resistem e contribuem com sangue e suor, já há tanto tempo.

Palavras-chave: Racismo. História Negra brasileira. Estereótipo. Diáspora. Identidade.

1. Padecimento

¹ A palavra diáspora é usada para definir o movimento de dispersão, seja obrigatório ou por livre e espontânea vontade, de um grande conjunto de pessoas que saíram de um específico e determinado local que viviam, para vários locais diferentes, tendo sua quantidade total de pessoas separada em menores partes. Disponível em: <<https://www.significadosbr.com.br/diaspora>> acesso em 28 julho. 2019.

Cada vez que morre algum irmão a tiros nas periferias eu morro um pouco. E assim, aos pouquinhos, meu coração vai ficando cada vez menor, cada vez mais triste, cada vez mais baqueado. Cada vez que algum irmão da periferia morre do coração, eu entendo o motivo, eu entendo o que é um coração cansado dessa falsa abolição que segue nos mantendo “na rua, no gueto ou na prisão”. Andando pelas ruas de São Paulo, diariamente vejo homens, mulheres e crianças, em sua grade maioria negras, abandonadas pelo estado tendo que dar um jeito para comer e sobreviver, porque real ali ninguém vive, só se sobrevive. Não há vida se eles não podem caminhar nas ruas, não tem comida garantida, não tem onde tomar banho, não tem amigos e tem medo de dormir. Eu morro mais um pouco. Às vezes eu fico até feliz, estou seguindo e fico sabendo que mais uma favela pegou fogo. Minha paz se vai, meus olhos virão mar e mais um pouco de mim morre. Mais dos meus não tem para onde ir, mais dos meus perdem tudo e morrem um pouco. Sigo morrendo a cada dia, talvez se mantivesse aquela fina camada de ignorância que nos mantem sãos, saudáveis e sorridentes eu não estaria aqui refletindo sobre isso, mas não posso mais, não tem como voltar atrás; logo, devo transformar estes pedaços mortos do meu coração em algo como combustível, se eu seguir os ignorando capaz que eles entrem em decomposição e eu (também) morra do coração antes dos 60 anos. Choro enquanto escrevo isso, pois é uma escrita- vida que dói, uma escrita-vida que mostra como tenho estado por dentro diariamente. E nem falei dos meus irmãos que seguem encarcerados, muitas vezes por engano (seguimos morrendo por engano). Estou fora das estatísticas, não de todas, mas de algumas e devo comemorar diariamente, porém tem mais, sinto que devo fazer algo sobre isso, algo com isso. Se ainda posso andar livre pelas ruas apesar da cor da minha pele, se posso pensar com minha própria cabeça e criar caminhos, apesar de ter sido criada na periferia e nas escolas públicas, se posso produzir conteúdo e ser ouvida apesar de ser mulher eu devo fazer algo. Estou armada e as palavras podem valer um tiro, vide Marielle.

Trabalhar com educação é sofrer pelo que pode ser por cada jovem periférico, e ter utopias, que seguem maiores que sonhos, e elas juntos com os pobres pedaços do meu coração que já morreram são meus combustíveis para acordar todos os dias.

Depois desses quase dois anos tendo as aulas mais diversas não podia ser diferente, só posso criar algo realmente bom através da minha experiência e do que eu vivi e

vivo, não há outra forma. Existem também (ainda bem) vários irmãos que estão atualmente criando saídas e formas de sobrevivência que vem através de suas vivencias diárias neste corpo coberto pela pele preta em que habitamos, leitora deles, e cheia de ideias, sinto que posso contribuir de alguma forma para o alento que precisamos, para colocar as nossas dores em um lugar que elas possam trabalhar em nosso favor, a meta é construir algo tão solido e tão intrincado que não precisemos mais sofrer nem resistir a dias tristes os quais é doído sair da cama e enfrentar as pessoas no mundo. Para tal ação, precisamos nos movimentar, logo convido o meu corpo ao movimento, eu convido a minha mente a criação e tudo isso permeado pelos que vieram antes de mim e me permitiram pensar e ser algo diferente do que estava marcado para mim ao constatar-se no momento do meu nascimento: Mais um bebe de pele “parda”.

2. História de padecimento

Tempos atrás (não direi “há muito tempo” pois o tempo é relativo, ele estica e encolhe como elástico, traz e leva as coisas de acordo com a vontade de quem tem o poder de alterar vidas) muitas pessoas passaram por um tipo de traslado contra vontade em navios cheios e fétidos. Sem higiene, sem cuidados, sem tratamento humano, muitos nunca chegaram na terra em que hoje pisamos, muitos são do mar, estão no mar e lá permanecem. Diz-se que foram vários que nunca mais pisaram em terras firmes, acho, munida das minhas crenças que estes encontraram seus antigos assim que deixaram aquele corpo em sofrimento que logo após alimentou o mar. (Às vezes acho que a agua do mar é salgada por isso, o sofrimento produz nos nossos corpos humanos agua com sal) Muitos chegaram aqui, não sei precisar se por sorte ou não, afinal atravessar este mar foi só o começo, enfrentaram por um longo tempo (aqui uso as palavras dos que sofrem, qualquer tempo em sofrimento é longo), todo tipo de abuso e sofrimento. Humanos que não os viam como iguais, infringiam a eles todos os tipos de dores que nós, talvez não pudéssemos aguentar. Depois de muitos anos, os descendentes daqueles que fizeram a travessia, e mais alguns que recentemente a haviam feito foram libertos.

Para a dita libertação, foi apenas assinado um papel, como se isso pudesse resolver todos os anos e o grande problema que a sociedade adquiriu ao aceitar este processo de escravização humana como algo justo, normal e natural. Mas o que é mais assustador neste longo processo, é que ao fim dele, as pessoas que foram vitimadas foram dadas como culpadas por tudo que sofreram, sendo assim, ao assinar o papel a princesa não concedeu nem obrigou os antigos “donos” destas pessoas a darem algo para que eles pudessem seguir suas vidas dignamente. Muitas pessoas estavam na rua, sem ter para onde ir e como se sustentar o que de modo geral é algo extremamente desumano.

A sociedade em si, já estava formada, e os negros nesta sociedade foram inseridos em uma classe que merecia desprezo, pois, segundo os que eram os donos do dinheiro, das leis, das regras, das casas e dominavam vidas, estas pessoas eram munidas de ignorância, dificuldade em socializar, em viver em comunidade, não tinham pudor, não sabiam amar, raciocinar, eram, para ser mais direta, inferiores. Como integrar uma sociedade que os vê desta forma?

Muitos dos antigos “donos” se recusavam a dar trabalho remunerado as pessoas agora libertas pois se haviam tido por tantos anos acesso a mão de obra gratuita, e irrestrita porque pagar agora? ou se o faziam, pagavam um valor ínfimo, que não permitia que estas pessoas pudessem humanamente se manter, quem não pode se manter mas tem o instinto humano de sobrevivência dá um jeito, não é? Muitas dessas pessoas migraram para cidade e vendiam sua mão de obra desta forma, grande parte deles moravam nas ruas ou em cortiços apertados em sem saneamento. Historicamente, diz-se que as primeiras comunidades, também conhecidas como favelas, se iniciaram um pouco depois da época da lei áurea, dizem que foram construídas em terrenos cedidos pela marinha após a guerra de canudos, os negros que haviam migrado para a cidade precisavam de casa, precisavam de um lugar onde pudessem formar as suas famílias e viver em paz, então eles também integraram este grupo de combatentes e iam viver em pequenas casas construídas por material barato, sempre com o pensamento de sobreviver ao que lhes era imposto. Muitos anos de injustiça se passaram, muitos donos de fazenda mantiveram escravos mesmo após a suposta abolição, muitas pessoas por volta de 3 milhões chegaram ao Brasil, mas o que tudo isso, o que todo este sistema que narrei rapidamente e sem entrar em muitos detalhes agora reforçou na cultura brasileira foi o Racismo.

O racismo no Brasil é um tabu que é o tempo todo questionado, negado e atacado. Parte da população brasileira acredita no conceito de Democracia Racial. A democracia racial se dá por uma falsa sensação de que todas as raças presentes no Brasil vivem em perfeita harmonia e paz. Na realidade, é negado o conceito de raça, aqui, agimos como se não existissem raças pois somos todos iguais;

Em nossa realidade, a ideia de raça não é bem vista, nem tão facilmente definida. Devido a nossa história, o racismo no Brasil tem características bastante peculiares: a imensa importação de mão-de-obra africana, a tardia abolição da escravidão, a imigração europeia, a forma como as relações se estabelecem... desde meados do século XX, acreditamos que raça não faz sentido para nós e, o tempo todo, queremos abolir esta palavra todo o seu sentido. Nunca tivemos uma política de segregação, entretanto, a ideia de raça nunca nos abandonou. Ela continua presente nas nossas relações cotidianas. (NUNES, 2010, p.44)

A falácia deste discurso cai por terra ao observarmos como a vida dos negros brasileiros é na atualidade. temos altos índices de mortalidade de jovens negros, a diferença salarial de negros e brancos, a forma da abordagem policial feita nas favelas e comunidades, a forma com que nós somos seguidos nos mercados e estabelecimentos de consumo, as situações que geralmente estamos expostos, as funções que exercemos no mercado de trabalho, o numero de desempregados negros, os estereótipos reforçados diariamente pelos programas de televisão como novelas e séries e quantos de nós são condenados bandidos nos programas diurnos da televisão brasileira. O racismo no Brasil é estrutural e cultural sendo assim, ele esta em todos os lugares travestido de verdade, travestido de liberdade de expressão, travestido de humor, travestido de arte, travestido das mais variadas histórias, mais variadas desculpas, mais variadas falácias. Nunes(2010) traz em sua tese uma classificação que Jones (1973) fez sobre o racismo “(..) *três tipos de racismo: individual, institucional e cultural.*” E explica : “*o racismo individual seria o mais próximo do preconceito racial, pois está inserido no âmbito individual.*” Já o racismo cultural “*remonta a história: as culturas europeias e africanas eram essencialmente diferentes, o que levou a compreensão dos europeus de que aquilo que era diferente deles era inferior e primitivo.* E conclui que “*se o racismo esta impregnado culturalmente ele está presente nas instituições sejam elas educacionais, legais, empregatícias etc.*”

O mito da democracia racial atrasou e ainda atrasa de forma sistemática o avanço da real igualdade pela qual o movimento Negro luta. Apesar das ações afirmativas que existem nas leis brasileiras, de todas as outras pequenas ou grandes vitórias que já obtivemos e até mesmo o fato de o racismo ser considerado crime, isso não impede que o atual presidente do Brasil nos diga que racismo é raro por aqui.

No Brasil são conhecidas diversas formas de racismo, porém, como nós historicamente negamos a existência de raças, mesmo que elas sejam a realidade escondida das nossas diferenças sociais e de acesso, o racismo está ativo, para tanto, temos o mito da democracia racial e o ideal de branqueamento da população. Existe a ideia de que o Branco é um ser superior, isto já está posto em nossa cultura, de modo que, a maior parte da população negra brasileira nega a sua condição e busca branquear-se de alguma forma, seja na negação da cultura negra, na aceitação de estereótipos negativos, seja em não aceitar seus traços fenóticos etc. Porém ao afirmar que a população negra tem este desejo não devemos nos furtar que ele parte da sociedade como um todo e das relações raciais que esta sociedade impõe;

Assim, ao negro é atribuído o desejo de embranquecer, como se a hegemonia branca não existisse. Nessa lógica, o branco é visto como a norma, pois é sempre o negro que é estudado, é sempre o negro que está fora do padrão. Notamos, então que o fenômeno do branqueamento não atinge apenas negros e mestiços: brancos vivem sua cor como fonte de normalidade – e com todas as vantagens e acessos que isso permite. (NUNES, 2010, p.45)

Além do que já foi dito, ainda encontramos uma parcela da população que acredita realmente nas teorias de superioridade intelectual e humana de uma raça sobre outra, conceito este que começou a fazer sentido na sociedade para definir quem eram as pessoas boas e as pessoas ruins com um respaldo da ciência. E mesmo agora que já está provado cientificamente que não há como diferenciar seres humanos através dos genomas que os constituem, o conceito já tem um outro peso que vai além desta ideia inicial, como afirma Nunes, 2010 (36-37); sendo assim, os negros não podem ter direitos iguais, ou serem tratados da mesma forma pois são considerados por este grupo de pessoas, inferiores, são definidos como um grupo de pessoas que possuem pouca capacidade psíquica e são não humanos, propriamente dizendo, são menos

que isso, um projeto, um protótipo, algo que só pode ser perfeito, e real quando se tem a pele branca.

Os que escolhem o racismo como uma das formas de olhar o mundo o praticam através de preconceitos. Este tipo de “estilo de vida” permite que as pessoas se tornem distantes e frias diante das injustiças que o outro, alvo do seu preconceito, passa, pois, mesmo que este seja inocente, ou não mereça de alguma forma o destino que teve, inconscientemente o racista, munido de seus diversos preconceitos já o condenou. Nunes descreve dois tipos de racismo, “*preconceito sutil é entendido pelos autores como uma forma indireta de discriminar determinado grupo, enquanto que o preconceito flagrante é a expressão direta de rejeição a um grupo.*” (NUNES, 2010, p.30) sendo que um é o mais evidente fazendo assim sentido aos que acreditam na supremacia branca e o sutil que está de acordo com os que acreditam e defendem o mito da democracia racial e o branqueamento.

Um dos conceitos da democracia é a ideia que todos são iguais e portanto tem direitos iguais perante a lei, dito isso, podemos perceber que o racismo ou qualquer outro tipo de preconceito ou desrespeito infringi o que a democracia defende em sua essência. Neste lugar, onde a democracia é o que temos de modelo de sociedade o racismo sutil aparece e opera pois, como não é um tipo de agressão que se mantém na superfície, explícito e sim acontece quando há oportunidade ou de forma indireta; nos deparamos com expressões do racismo sutil diariamente pois ele já está arraigado muito profundamente na sociedade que vivemos. Podemos tomar por exemplo o fato que há, na língua portuguesa, diversas palavras de cunho pejorativo para a população negra. Estas palavras são utilizadas diariamente sem nenhum tipo de reflexão sobre o peso real e o sentido que elas trazem em suas definições e histórias; também há ditados e expressões que trazem o mesmo peso linguístico, poderíamos acrescentar também o fato de que somos julgados pela sociedade com base na nossa aparência e a nossa aparência traz em si os resquícios do período pós escravagistas, ou seja, mesmo sem dizer uma palavra as pessoas já esperam que sejamos perigosos e não saibamos viver em sociedade, isto fica explícito quando por exemplo alguém segura a bolsa mais firme quando vê um rapaz negro passar ao seu lado, essas entre tantas outras posturas e atitudes que são consideradas normais em nossa sociedade reforçam o suposto lugar do negro, indicam a imaginária superioridade do branco

como um ser iluminado e bom, lembrando que essa afirmação é opositiva e por isso permanece tão viva, afinal se o outro é ruim eu me torno bom, pois não sou o outro. O problema desta sutileza é que ela fere, marca como qualquer outra agressão que venhamos a sofrer, mas por ser tão discreta, tão aceita dificilmente pode ser combatida. Não podemos combater o que não podemos ver.

Tudo isso causa dor, tudo isso causa desespero, tudo isso, que permeia a nossa história, que nos cerca diariamente, que acorda conosco todas as manhãs é um dos nossos pesos, é uma das nossas principais doenças, é um dos nossos mais dolorosos abandonos. Estes são os motivos do meu padecimento.

Digo de tudo isto que nos faz padecer dos jeitos mais dolorosos e profundos pois temos sempre que buscar formas de sobrevivência, formas de como manter a saúde mental ou viver de forma plena sabendo dos diversos tipos de violência vividos diariamente, silenciosamente, sistematicamente na sociedade atual em que vivemos.

3. Quem padece?

Em meio a tudo o que foi dito há um povo que luta e sobrevive, há um povo que resiste, há um povo que inventa e reinventa, há um povo que dança, samba, escreve, produz, cria, ama e sente. Há um povo que contraria estatísticas, que inventa novas possibilidades, que reivindica seus direitos e sua humanidade. Constitui família, se forma na universidade, abre consultórios, dão asas a imaginação desenhando, escrevendo e pintando, são pessoas complexas, completas, mas ainda assim, padece.

Há diversas histórias quem vem de longe, muitas vezes de além mar. Há alguns é concedido o dom de conta-las, histórias estas que não morrem, não morreram não ficaram presas em corpos calados, silenciados pelo tempo e pela realidade que lhes é imposta.

Cresci em uma família majoritariamente preta, os saberes que me foram passados pelos meus mais velhos, não foram questionados apenas aprendidos. Eles aprenderam com seus mais velhos, que aprenderam com os seus mais velhos, que aprenderam com os seus mais velhos que viveram em além mar.

Há diversas formas de transmissão de saberes e de formação de identidades, cada localidade tem em sua cultura um conjunto de regras e saberes que são passadas de geração em geração, de modo que tudo o que é passado é formativo na constituição dos seres, e tudo sofre influências externas que fazem com que tudo seja mutável e nada permanente afinal. Mas, como isso tudo é passado de geração em geração com o racismo tão presente em nossa cultura geral?

“sabemos que toda e qualquer identidade é construída socialmente. A identidade negra, por ser um produto social, é resultante de uma situação de conflito, envolvendo discriminação, exclusão social, exploração e, por fim, a opressão individual ou coletiva.” (SANTOS, 2009, p. 26)

O racismo atua camuflado por trás de falas, ações e costumes, está em nossa base cultural alterando e modificando alguns saberes para que estes se tornem bases para um apagamento sistemático de uma história. Tudo isso faz com que muitas vezes a negação do corpo, dos traços fenóticos e da cultura aconteça, pois, em muitos espaços essa negação traz uma aceitação, existe a sensação, mesmo que não seja dita, de que precisamos estar cada vez mais longe de sermos negros, dos costumes, das histórias para sermos bons, aceitáveis, sermos assim reconhecidos como pessoas. Seguimos ainda, ao menos grande parte de nós, mesmo que inconscientemente, o ideal da eugenia que prega que o que vem dos povos negros não deve ser aceito, reproduzido ou falado. Sendo assim, e diante da necessidade aceitação pela qual todos passamos para viver em sociedade a negação é algo comum, é muito mais fácil negar e satirizar e mesmo que doa toda essa rejeição e apagamento do que enfrentar algo de peito aberto e isto é totalmente compreensível. O Apagamento de toda uma cultura ou a sua assimilação por outra cultura a coloca no lugar de uma cultura menor e portanto, menos importante, sendo assim, não há necessidade de leva-la em consideração.

Porém, é importante dizer que nada deste processo aconteceu e acontece de modo passivo e pacífico.

“Em sociedades que discriminam, os indivíduos marginalizados tendem a reagir e criar mudanças sociais capazes de trazer soluções positivas para os conflitos pessoais e coletivos.” (SANTOS, 2009, p. 27)

Existe em todos nós o tino que nos sopra aos ouvidos que algo está errado, isso permite que grupos, cada vez maiores se levantem contra o sistema vigente de alguma forma e expressem sua insatisfação com o que lhe foi imposto até ali como verdade absoluta. O que é de se esperar pois, por mais que neguemos tudo o que é nosso, a estrutura não muda e continuamos sendo desrespeitados das mais variadas formas.

Sendo assim, existe e resiste por tanto tempo em solos brasileiros o Movimento negro. Estes militantes da causa negra atuam das mais variadas frentes, várias leis já foram reivindicadas, e é uma das diversas formas de resistência que conhecemos atualmente. Este tipo de resistência tem total relação com a preservação de uma identidade cultural negra viva. Uma das vias principais de atuação é por meio do empoderamento estético, que reforça e reconsidera a construção do belo, assim, refazem todo o percurso e considerando o negro como belo, capaz, o ser que cria. Este movimento ganhou corpo por volta anos 70 nos estados unidos com a fundação do *Black Panther Party* que tinha em uma das suas pautas a ideia do empoderamento estético com a frase "*black is beautiful*" que migrou aqui para o brasil através das músicas, da aceitação do *black power* (cabelo crespo) como algo belo pela comunidade preta, a cor dos olhos, os tons da pele, tudo isso era ressaltado, e afirmado como bonito. a fala da Nina Simone a seguir, traz esta perspectiva:

"Eu acho que você está tentando perguntar porque eu persisto tanto em passar para eles aquela negritude, aquele empoderamento negro, aquele ... em pressiona-los a se identificar com a cultura negra, eu acho que é isso que está perguntando. Eu não tenho escolha, para começo de conversa, para mim, somos as criaturas mais lindas do mundo todo. Negros. Meu trabalho é, de alguma forma, deixá-los curiosos o bastante, ou persuadi-los, de um jeito ou de outro e se conscientizarem mais sobre si mesmos e de onde vieram do que eles gostam e do que já temos, e fazer isso florescer. É isso que me encoraja a encoraja-los. E farei isso a todo custo." (NINA SIMONE, *That Blackness*, 2013)

Porém com o passar dos anos, esta onda baixou e passamos mais algum tempo sem este tipo de empoderamento estético tão visível. Ainda assim podemos afirmar que o movimento negro brasileiro seguiu firme e com reivindicações para que nós, povo preto, pudéssemos alcançar um melhor patamar e uma melhor qualidade de vida, algo que vai além do movimento estético, mas que precisa dele para existir, afinal, como

posso brigar por direitos ao povo negro acusando racismo e as injustiças que este povo sofre se não existir ninguém que se reconhece como negro e reconhece as repressões pelas quais passa?

No livro identidade cultural na pós-modernidade, Stuart Hall fala dos três tipos de identidades que aparecem através dos tempos em nossa sociedade ocidental, a última, que é qual estamos vivendo agora é a identidade pós-moderna. Esta identidade, segundo estudo que ele fez é uma identidade fragmentada, não é fixa ou permanente isso faz com que coexistam várias outras identidades dentro de uma só. Pensando o negro como povo e dividindo nos como indivíduos chegamos a um múltiplo e misto grupo de identidades possíveis, estas identidades tem em suas formações as mais variadas facetas e diversas influências do mundo pós-moderno. Isso faz com que, atualmente, diversas formas de resistência existam em território brasileiro. Acompanhamos agora, assim como nos anos 70 o empoderamento estético que vem através da aceitação dos cabelos crespos e da auto declaração com o negro ou pardos, o que mostra que atualmente mais de 50% da população brasileira seja declaradamente negra, temos ações afirmativas, leis que pensam e respeitam a diversidade, tentando de alguma forma reparar todos estes anos de racismo, o que é e será ainda por muito tempo uma longa luta. Mas, o que podemos observar, o que nos é visível culturalmente que imprimi em nossa identidade a nossa história?

Pensando na história recente do Brasil, podemos notar que muitos artistas musicais negros, cantaram e cantam sobre empoderamento negro e estético. O grupo musical baiano, Ilê Aiyê, tem em seu repertório várias músicas que além de enaltecer a cultura negra e tudo que sobreviveu a todos estes anos na Bahia, também ressalta a estética do negro como bela, trouxe alguns trechos, que são reproduzidos até hoje e trazem uma grande contribuição para a formação de uma identidade positiva:

“Que bloco é esse? Eu quero saber

É o mundo negro que viemos mostrar pra você (pra você)

Branco, se você soubesse o valor que o preto tem

Tu tomavas banho de piche pra ficar negrão também

(...)

Somos crioulo doido, somos bem legal

Temos cabelo duro, somos black power

ILÊ AIYÊ. **Que bloco é esse ?**. Salvador. Warner. CD (3:12).

Ou ainda:

“ Se você está afim de ofender
É só chama-lo de moreno pode crer
É desrespeito a raça é alienação
Aqui no Ilê Aiyê a preferência é ser
Chamado de negão

A consciência é o objetivo principal
Eu quero muito mais
Além de esporte e carnaval, natural
Chega de eleger aqueles que tem
Se o poder é muito bom
Eu quero poder também

ILÊ AIYÊ. **Alienação**. Salvador: Universal. 2013. CD. (4:31).

O grupo Ilê Ayiê trabalhou e trabalha por todos estes anos especificamente com a população negra Baiana, empoderando através de suas letras musicais, com oficinas de percussão e canto, trazendo a história que ainda é apagada e negada nos autos oficiais do Brasil. Há muitos anos ele também promove um concurso de beleza que ressalta a mulher negra da comunidade em que eles vivem, trazendo assim um novo olhar estético as mulheres periféricas, definindo-as como belas.

Nos trechos citados acima, podemos observar que eles mantem um olhar crítico ativo em suas letras, por exemplo, ao afirmar que para ofender basta que nos chamem de “morenos”. É importante ressaltar estes versos, pois eles trazem uma carga de identidade positiva, a nós, negros. Em geral o que se aprende é justamente o contrário, a negação dos termos que nos aproximam da nossa negritude.

Aqui em São Paulo, essa metrópole em que os negros vivem as beiradas tão distantes do centro da cidade e de uma qualidade de vida, o rap por muito tempo foi uma das vias de protesto e voz do povo preto. Racionais mc's, grupo formado por moradores

do extremo sul de SP é um dos grupos mais famosos de Rap do Brasil e trazem em suas letras, além de protesto, palavras de comando e de revolta, veja:

“60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial;
A cada 4 pessoas mortas pela polícia, 3 são negras;
Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros;
A cada 4 horas um jovem negro morre violentamente em SP”

RACIONAIS MC'S. **Capítulo 4 vers.3**. São Paulo. Cosa Nostra. 1997.CD. (8:06).

“Às vezes eu acho que todo preto como eu
Só quer um terreno no mato só seu
Sem luxo, descalço, nadar no riacho
Sem fome, pegando as fruta no cacho
Aí, truta, é o que eu acho
E o que eu quero também
Mas em São Paulo Deus é uma nota de 100”

RACIONAIS MC'S. **Vida loka parte II**. São Paulo, Cosa Nostra. CD. (5:50).

Ou ainda

“Passageiro do Brasil, são Paulo, agonia
Que sobrevivem em meio às honras e covardias
Periferias, vielas, cortiços
Você deve tá pensando: o que você tem a ver com isso?
Desde o inicio por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata
Recebe o mérito a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural “

RACIONAIS MC'S. **Nego Drama**. São Paulo, Cosa Nostra. CD (6:51).

Ao ler estes pequenos trechos de música dos racionais, percebemos que o viés deles é diferente do grupo Ilê Aiyê, que segue por uma identificação positiva, os racionais, por outro lado com o Rap, mantém o olhar crítico ativo, trabalham com a ótica de que é necessário ter consciência das mazelas e dores, para saber o que e onde os problemas estão, para desta forma ter como criar espaços para resolve-los.

Estes trechos de música são ínfimos perto da infinidade de músicas já escritas com o tema negritude. O que é importante observar e que fica exposto de forma clara nos trechos escolhidos é, a abordagem da identidade feita por ambos. Os dois grupos musicais aqui trazidos, atuam de forma diferente, porém, complementar entre si pois trazem tanto a autoafirmação como o reconhecimento dos problemas existentes na sociedade em que vivemos, sendo assim, eles ajudam, trazem influências para a construção das identidades negras possíveis. Sendo minimante crítica, não há possibilidade de somente uma das vertentes, ou reforçar a identidade positiva ou criticar e falar de nossas dores para a constituição de uma identidade saudável.

Existem também diversas novelas, series e filmes veiculados na grande mídia que influenciaram, nem sempre de forma positiva quem os assistiu. Muitas vezes, ainda hoje, o reforço dos estereótipos negros acontece sem pudores, como diz uma autora citada no ultimo documentário da cantora Beyoncé: *"You can't be what you can't see. (você não pode ser o que não consegue ver)"* EDELMAN (1959) é muito difícil que consigamos nos ver em lugares que parecem não poder ser ocupados por nós, toda construção das nossas verdades e sonhos perpassam as construções vistas e permitidas pela sociedade.

Mas, nada é fixo, tudo é móvel e alterável, talvez, justamente por não enxergarmos raça da forma necessária para resolver o problema que temos alguns de nós desviaram os caminhos que vem predestinados pelo nosso tom de pele e chegaram antes, contribuindo assim para abertura de mais e novos espaços para a nossa existência. Ao infinito e além.

Em suma, pode-se dizer, que esta construção social chamada identidade do povo preto, se tornou algo que não é mais definido pelos que estão no poder, existem, dentro da identidade negra, outras tantas identidades, outros tantos caminhos, outras tantas possibilidades, por fim, ainda é algo que está em construção, que recebe

influências de tudo que está ao redor em nossa sociedade e que deve ser observado de perto.

4. O fim do padecer

“Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição”

Disse do sofrimento, do porque sofre e de quem sofre e posso dizer agora da parte que constrói. O que constrói, porque construir? Acho que somos, metade morta metade imortal e uso as minhas palavras para eternizar o que penso e sinto, escrever é encontrar uma outra forma de existir, trocar essas nossas formas de existência, essas nossas experiências é seguir existindo, vivendo, mesmo depois de partir. Posso falar autobiograficamente que durante a minha educação formal eu não sabia da existência de uma história preta além dos negros escravizados. Isso, impunha uma distância da minha realidade, entendendo-me jovem e livre desta verdade que a tão pouco tempo “deixou” de existir, não me via uma menina negra, me via apenas menina. Não entendi porque eu era considerada feia, eu não era aceita pelos outros ao meu redor, hoje sei que aquilo era só um microcosmo da nossa sociedade defasada em sua história, defasada em suas verdades. Li um estudo a pouco tempo que diz que doenças demoram até 4 gerações para saírem dos genes. Imagino a carga que nós carregamos, quantas doenças será que minha Táta teve? O que será que mora silenciosamente em mim e me coloca em um lugar vulnerável, além de todas as verdades que não nos foram contadas e tantas outras que foram inventadas?

Pensando em todo este percurso, e em toda vida que existe dentro de cada um de nós, não posso me furtar a falar de outro assunto, falo de nossa sobrevivência a caminho da vida, falo de atalhos e novos caminhos, falo de criar quilombos, de criar locais de autocuidado de conhecimento de auto reconhecimento, vidas negras importam, produzem, criam e resistem.

Falar de mim não é fácil ou simples, mas não quero ficar nesta esfera, que falar sobre o que de mim pode sair, qual é o tijolo que vou juntar a reconstrução de uma vida digna e completa para cada um de nós.

Lendo HOOKS (2000), em um texto chamado “vivendo de amor”, encontro respostas para muitas questões que falam da minha vida, que é o que vai além da sobrevivência.

A autora constrói a ideia, a qual eu concordo, de que devido aos anos tendo corpos escravizados precisamos aprender o amor. Quando digo de amor não estou me referindo ao amor romântico que todo mundo conhece, digo do auto amor, ou como ela usa no texto do amor interno, é necessário aprender a se olhar pacientemente e sem julgamentos, e assim de dentro para fora ir construindo as pontes e fortalecendo as já construídas. Armadas de amor, podemos então enfrentar o que ainda temos que enfrentar, afinal, com os anos de escravização não vai ser tão fácil desconstruir tudo que já foi posto e dito por nós e para nós. Uma das formas de fortalecimento, por nós e pelos que virão é construirmos um discurso onde o amor é a base, o amor por nós e por nossa cultura, pelo que temos de passado e por tudo que tentaram apagar em nós, amor é força e ele move. Uma sábia mestre que tive disse certa vez que o afeto tem que vir à frente. Uma outra gosta de dizer “segura sua mão na minha para que juntas possamos fazer o que eu não posso fazer sozinha”. Pensando na construção da sociedade com a conhecemos hoje, este movimento de escolhermos os caminhos do afeto e com afeto é o caminho contrário ao pregado. Se é o contrário de tudo que nos fere, que nos engana, nos nega a humanidade, que nos apaga... é por ele mesmo que eu vou.

Reforço a necessidade de nos distanciarmos dessa ideia que está tão impregnada em nós de amor romântico, o amor não é apenas o que acontece quando um homem e uma mulher se encontram, o amor pode e deve ocupar todas as ações. E também entendo a importância do amor na luta contra o racismo pois, como diz hooks:

“Numa sociedade Racista, capitalista e patriarcal os negros não recebem muito amor. E é importante para nós que estamos passando por um processo de descolonização, perceber como outras pessoas negras respondem ao sentir nosso amor e carinho.”(hooks, 2000.p 8)

Eu faço parte de um bloco afro chamado “Ilú Obá de Min²”, toco Agogô em uma bateria que é composta somente por mulheres, estarmos unicamente entre mulheres

² Ilú Obá De Min – Educação, Cultura e Arte Negra é uma associação paulistana, sem fins lucrativos, que tem como base o trabalho com as culturas de matriz africana e afro-brasileira e a mulher. Surgiu após vinte anos de pesquisa-ação desenvolvidas com variados grupos sociais por suas dirigentes Beth Beli e Adriana Aragão e iniciou suas atividades em novembro de 2004,

fez com que nós nos muníssemos deste amor que falo e defendo aqui, no meu texto, fazemos encontros onde expomos nossos sentimentos com relação aos processos que vivemos no bloco, nós nos ouvimos, nós nos cuidamos e tentamos o tempo todo criar um espaço onde todas possam ser ouvidas e todas são importantes para o todo, dizemos que “Nosso afeto é potência”, e mesmo sem termos nos baseado neste texto bell hooks, entendemos o poder que o amor tem em movimentar as estruturas tão endurecidas, tão esvaziadas de amor e escuta.

Além deste micro cosmos ao qual estou inserida, existem atualmente diversas ações que mesmo sem usar efetivamente a palavra Amor, se baseia nela e se movimenta através de suas bases. É importante ressaltar que existe uma ideia pré-estabelecida de que nós negros somos mais fortes, nós negros suportamos as dores,

“Geralmente enfatizam nossa capacidade de “sobreviver” apesar das circunstâncias difíceis, ou como poderemos sobreviver no futuro. Quando nos amamos sabemos que é preciso ir além da sobrevivência. É preciso criar condições para viver plenamente.” (hooks, 2000 p. 6)

Para que essa existência seja plena, não podemos negar nossa necessidade de conhecer o amor.

Existe aqui em SP um projeto que chama “A Marcha das mulheres Negras” ele visa dar valor a vidas que foram a tanto tempo silenciadas e apagadas; dentro deste projeto, ao perceber a necessidade das mulheres negras integrantes em entenderem a complexidade de suas dores e as raízes para a sua cura foi criado o Projeto “Narrativas de Liberdade”. O Narrativas de liberdade atua dando uma formação continuada as integrantes da marcha, em sua grande parte mulheres periféricas, visando essa necessidade política e de sobrevivência de conhecer os direitos, as formas de luta e uma nova forma de ver a vida. Os temas dos encontros são: Transexualidade, saúde, empoderamento financeiro, entre outras demandas que por

tornando-se pessoa jurídica em 2006. O objetivo da associação é preservar e divulgar a cultura negra no Brasil, mantendo diálogo cultural constante com o continente africano através dos instrumentos, dos cânticos, dos toques, da corporeidade, além de abrir espaço para ideias que visem o fortalecimento individual e coletivo das mulheres na sociedade. Disponível em: <<http://iluobademin.com.br/site/institucional/quem-somos/>> acesso em 28 julho . 2019.

fim falam de uma forma de equipar um corpo e uma mente para o Bem Viver, o existir. Estes assuntos são discutidos e alimentam o amor interno de cada uma que passou por tanto tempo da vida sem dar a devida importância ao amor. Esse pequeno relato de práticas que já estão acontecendo mostra como é possível viver de amor, entendendo a força que o amor carrega e a necessidade dele para uma vida plena e completa.

5. Referências bibliográficas:

BASTIDES, Roger; FERNANDES, Florestan. **Branco e negro em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana.** 4ed. rev. São Paulo: Global, 2008.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe.** Tradução, Heci Regina Candiani. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIJK, Teun A. van. **“Discurso das elites e racismo institucional”.** In: Discurso e (des)igualdade social. São Paulo: Contexto, 2015. p. 31-48.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução, Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

_____. **Da diáspora : identidades e mediações culturais.** Org. Liv Sovik; Tradução, Adelaide La Guardia Resende. 2 Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

_____. **“Vivendo de amor”**. In: *All about love: New visions*. Trad. Maísa Mendonça. USA: Harper, 2000.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro Brasileiro - processo de um racismo mascarado**. 3 Ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NUNES, Sylvia da Silveira. **Racismo contra negros: um estudo sobre o preconceito sutil**. Tese (doutorado em Psicologia) – Instituto de psicologia da cidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. *Educ. rev.*[online]. 2010, vol.26, n.1, pp.15-40.

SANTOS, Boaventura Souza. **“Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”**. In: SANTOS, B.S.; MENEZES, M.P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009. p. 23-71.

Santos, Gevanilda. **Relações raciais e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

Fontes Eletrônicas

JÚNIOR, Luiz Rufino Rodrigues. **Pedagogias das encruzilhadas**. São Paulo: Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504>> acesso em: 05 maio. 2019.

SIMONE, Nina. **That blackness**. 2013. (3m23s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c3ClwX7oyXk>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

Filmes/vídeo

HOMEcomings a film by Beyoncé. Beyoncé Knowles-Carter, Ed Burke. USA. Netflix, 2019. (2h17min)